

# **Uma ideia moderna de literatura**

textos seminais para os estudos literários (1688-1922)

Roberto Acízelo de Souza (Org.)

  
ARGOS  
Editora da UnoChapécó  
Chapécó, 2011

tará que, se lhe forem propostos novos amigos, isso só pode ser sob a condição de abandonar os antigos. Além disso, como afirmei, o próprio leitor tem consciência do prazer oriundo de tal composição, composição a que privativamente anexou o afetuoso nome de poesia; e todos os homens experimentam um sentimento de costumeira gratidão, além de certa nobre idolatria, pelos objetos que, ao longo de um tempo extenso, permanecem agradáveis e caros para ele: não desejamos apenas a satisfação, mas a satisfação do modo específico como nos habituamos a obtê-la. Há, nesses sentimentos, o bastante para resistir a uma legião de argumentos; e eu devo ser o menos capacitado para combatê-los com êxito, à medida que estou propenso a admitir que, a fim de apreciar plenamente a poesia que recomendo, seria necessário abrir mão de muito do que normalmente se aprecia. Mas, tivessem meus limites permitido apontar como se produz esse prazer, muitos obstáculos teriam sido removidos, e o leitor teria sido auxiliado a perceber que os poderes da linguagem não são tão limitados como ele pode supor; e que é possível à poesia proporcionar outros contentamentos, de natureza mais pura, mais duradoura e fora do comum. Esse aspecto do assunto não chegou a ser totalmente negligenciado, mas meu alvo não foi tanto provar que a atração despertada por certos tipos de poesia é menos intensa e menos digna dos poderes mais nobres do espírito, quanto oferecer razões para presumir que, se meu propósito foi alcançado, terá sido produzida certa espécie de poesia que, na sua natureza bem adaptada para permanentemente atrair a humanidade, constitui poesia não só genuína, mas também importante pela multiplicidade e quantidade de suas implicações morais.

A partir do que foi dito, e da minuciosa apreciação destes poemas, o leitor será plenamente capaz de perceber o objetivo que tive em vista; determinará até que ponto foi alcançado; e, o que constitui questão mais importante, se terá valido a pena alcançá-lo; e da resposta a essas duas questões dependerá minha pretensão aos favores do público.

## MADAME DE STAËL [Anne Louise Germaine Necker Staël-Holstein]

(Paris, 1766-1817)



Escreveu dois romances e peças teatrais destinadas a encenação em âmbito privado. Destaca-se, no entanto, por seus ensaios, que influenciaram de modo decisivo para a difusão das ideias românticas na França. Propôs uma reorientação da literatura francesa, concebendo como estratégia para a superação do classicismo o estreitamento de suas relações com outras literaturas nacionais europeias, especialmente a inglesa e a alemã, e às vezes a italiana. Sua atuação no processo de afirmação do romantismo na França se concretizou não apenas por meio de seus escritos, mas também pela conversação brilhante e pelo magnetismo social que a caracterizavam, patenteados no salão que manteve em Paris, primeiro de motivação puramente intelectual, depois crescentemente política, de orientação liberal.

### Literatura e instituições sociais\* (1800)

Propus-me examinar qual seria a influência da religião, dos costumes e das leis na literatura, e qual a influência da literatura na religião, nos costumes e nas leis. Há, na língua francesa, tratados que não deixam nada a desejar sobre a arte de escrever e os princípios do gosto;<sup>1</sup> mas parece-me que ainda não se analisaram suficientemente as causas morais e políticas, que modificam o espírito da literatura. Parece-me

\* In: *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*. Édition critique par Paul van Tieghem. Genève: Droz; Paris: M. J. Minard, 1959. v. 1. p. 17-19. Título atribuído pelo organizador; primeira parte (não nomeada como tal) do "Discours préliminaire", o qual precede os capítulos do livro. Das notas da edição-fonte, conservaram-se apenas as da autora, suprimindo-se as do organizador. Tradução de Cristina Maria Lourenço Machado, com supervisão de Maria Elizabeth Chaves de Melo.

<sup>1</sup> As obras de Voltaire, aquelas de Marmontel [N.O.: Jean-François Marmontel (1723-1799), crítico francês] e de La Harpe [N.O.: Jean-François de La Harpe (1739-1803), crítico francês].

que ainda não se refletiu sobre como as faculdades humanas se desenvolveram gradualmente através das obras famosas de todos os gêneros, que foram compostas desde Homero até os nossos dias.

Tentei dar conta da marcha lenta, mas contínua, do espírito humano na filosofia, e de seus sucessos rápidos, mas interrompidos, nas artes. As obras antigas e modernas que tratam de assuntos de moral, de política ou de ciência provam, evidentemente, os progressos sucessivos do pensamento, desde quando sua história nos é conhecida. O mesmo não ocorre com as belezas poéticas, que só pertencem à imaginação. Observando as diferentes características que se encontram nos escritos dos italianos, dos ingleses, dos alemães e dos franceses, acredito poder demonstrar que se deve às instituições políticas e religiosas a maior parte dessas diversidades constantes. Enfim, contemplando as ruínas e esperanças que a Revolução Francesa, por assim dizer, confundiu, pensei que era importante conhecer qual era o poder que essa revolução exerceu sobre as Luzes, e quais efeitos poderiam resultar disso um dia, se a ordem e a liberdade, a moral e a independência republicana fossem sábia e politicamente combinadas.

Antes de oferecer uma percepção mais detalhada do plano desta obra, é preciso reconstituir a importância da literatura, considerada na sua aceção mais vasta, ou seja, contendo em si os escritos filosóficos e as obras de imaginação, tudo o que se refere, enfim, ao exercício do pensamento nos escritos, excluídas as ciências físicas.

Vou examinar primeiro a literatura de uma maneira geral, nas suas relações com a virtude, a glória, a liberdade e a felicidade; e, se é impossível não reconhecer que poder ela exerce sobre esses grandes sentimentos, primeiros móveis do homem, é com interesse mais vivo que nos uniremos, talvez, para acompanharmos juntos os progressos e observar o caráter dominante dos escritores de cada país e século.

Lamento não poder invocar todos os espíritos esclarecidos para o gozo das meditações filosóficas! Os contemporâneos de uma revolução perdem frequentemente todo o interesse pela busca da verdade. Tantos acontecimentos decididos pela força, tantos crimes absolvidos pelo sucesso, tantas virtudes difamadas pela acusação, tantas infelicidades insultadas pelo poder, tantos sentimentos generosos transformados em objeto de escárnio, tantos cálculos vis hipocritamente comentados – tudo esgota a esperança dos homens mais fiéis ao culto da razão. Contudo, eles devem reanimar-se observando que, na história do espírito humano, não existiu nem um pensamento útil, nem uma verdade profunda que não tenha encontrado seu século e seus admiradores. É sem dúvida um esforço triste transportar o interesse, projetar a expectativa, através do futuro, para os nossos sucessores, para os estrangeiros bem distantes de nós, para os desconhecidos, para todos os homens, enfim, cuja lembrança e imagem não podem ser reconstituídas no nosso espírito. Mas, infelizmente, com exceção de alguns amigos fiéis, a maior parte daqueles de quem nos lembramos, após dez anos de revolução, oprime vosso coração, asfixia vossos movimentos, impondo-se até mesmo ao vosso talento, não por sua superioridade, mas por essa malevolência que não causa dor senão às almas doces e só faz sofrer os que não merecem.

Enfim, ergamo-nos sob o peso da existência, não concedamos a nossos injustos inimigos, a nossos amigos ingratos, o triunfo de terem abatido nossas faculdades intelectuais. Eles reduzem a buscar a glória aqueles que se teriam contentado com afeições. Pois bem: é preciso esperar. Essas tentativas ambiciosas não vão curar as penas da alma: mas honrarão a vida. Consagrá-la à esperança sempre enganosa da felicidade é deixá-la ainda mais infeliz. É melhor reunir todos os esforços para descer com alguma nobreza, com alguma reputação, o caminho que conduz da juventude à morte.

.....

## Sobre as literaturas do norte e do meio-dia\* (1800)

Existem, assim me parece, duas literaturas inteiramente distintas: a que vem do meio-dia,<sup>2</sup> cuja fonte primeira é Homero, e a que descende do norte, cuja origem é Ossian.<sup>3</sup> Os gregos, os latinos, os italianos, os espanhóis e os franceses do

\* In: *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*. Édition critique par Paul van Tieghem. Genève: Droz; Paris: M. J. Minard, 1959. v. 1. p. 178-184. Título atribuído pelo organizador; parte inicial do "Chapitre XI - De la Littérature du Nord". Tradução de Roberto Acizelo de Souza.

2 Isto é, sul. A expressão "meio-dia", no sentido de "ponto cardeal sul", ainda se empregava em fins do século XVIII e início do XIX.

3 Repito o que disse no prefácio d[a] segunda edição. Os cantos de Ossian (bardo que viveu no quarto século) eram conhecidos dos escoceses e dos homens de letras na Inglaterra, antes que MacPherson os tivesse recolhido. [N.O.: Ossian é a figura mais importante do ciclo da mitologia céltica, conhecido como ciclo feniano ou de Ossian. No século XVIII, uma fraude literária que ficou famosa deu grande projeção ao nome do personagem: o estudioso escocês James Macpherson (1736-1796) publicou uma série de textos em prosa poética atribuídos a Ossian, apresentado-os como traduções de originais escritos na língua autóctone da Alta Escócia, embora na verdade se tratasse de composições suas. Não obstante as dúvidas sobre sua origem levantadas já por críticos da época, suscitadas pelas reminiscências clássicas e estilizações eruditas presentes no texto, os poemas mereceram recepção extremamente entusiástica nos períodos pré-romântico e romântico, sendo traduzidos do inglês para diversas outras línguas europeias]. Invocando Ossian como origem da literatura do norte, quis apenas, conforme o veremos pela sequência deste capítulo, indicá-lo como o poeta mais antigo ao qual podemos reportar a característica particular da poesia do norte. As fábulas islandesas, as poesias escandinavas do nono século, origem comum da literatura inglesa e da literatura alemã, têm grande semelhança com os traços distintivos das poesias erses [N.O.: ver adiante nota 5] e do poema de Fingal [N.O.: também chamado *Finn, Finn Mac Cumhail* ou *Fionn*; na mitologia celta, chefe dos Fianna de Leinster, herói fanfarrão, desconfiado e astucioso, matador de monstros, pai de Ossian, ao mesmo tempo mágico e poeta]. Um grande número de sábios escreveu sobre a literatura rúnica [N.O.: relativo a *runas*, caracteres, em forma de haste com esgalhos, que compunham a escrita alfabética dos povos germânicos, usada aproximadamente desde o século III até o século XIV], sobre as poesias e as antiguidades do norte. Mas encontramos o resumo de todas essas pesquisas em M. Mallet; e bastará ler a tradução de algumas odes do nono século que lá estão transcritas, a do rei Régner-Lodbrog, a de Harald-le-Vaillant etc., para nos convenceremos de que esses poetas escandinavos cantavam as mesmas ideias religiosas, serviam-se das mesmas imagens guerreiras, tinham o mesmo culto pelas mulheres que o bardo Ossian, que viveu aproximadamente cinco séculos antes deles. [N.A.]

século de Luís XIV<sup>4</sup> pertencem ao gênero de literatura que chamarei 'a literatura do meio-dia'. As obras inglesas, as obras alemãs e alguns escritos dos dinamarqueses e dos suecos devem ser classificados na literatura do norte, naquela que começou pelos bardos escoceses, as fábulas islandesas e as poesias escandinavas. Antes de caracterizar os escritores ingleses e os escritores alemães, parece-me necessário considerar de maneira geral as principais diferenças entre os dois hemisférios da literatura.

Os ingleses e os alemães, sem dúvida, imitaram com frequência os antigos. Extraíram lições proveitosas desse estudo fecundo; mas suas belezas originais apresentam a marca da mitologia do norte, têm um certo ar, uma certa grandeza poética cujo protótipo é Ossian. Os poetas ingleses, poderemos dizer, são notáveis pelo espírito filosófico, que se faz presente em todas as suas obras; mas Ossian quase nunca tem reflexões; ele narra uma sucessão de acontecimentos e impressões. Respondo a essa objeção afirmando que as imagens e os pensamentos mais comuns em Ossian são aqueles que lembram a brevidade da vida, o respeito pelos mortos, a exaltação da sua memória, o culto dos que já não existem por parte daqueles que permanecem. Se o poeta absolutamente não acrescentou a esses sentimentos máximas de moral nem reflexões filosóficas, é porque naquela época o espírito humano não era ainda de modo algum capaz da abstração necessária para conceber muitos resultados. Mas a comoção que os cantos ossiânicos causam à imaginação predis põem o pensamento para as mais profundas meditações.

A poesia melancólica é a poesia mais de acordo com a filosofia. A tristeza, melhor do que qualquer outra disposição da alma, faz penetrar bem mais no caráter e no destino do homem. Os poetas ingleses que sucederam aos bardos escoceses acrescentaram aos quadros deles as reflexões e as ideias que esses próprios quadros deviam fazer nascer; mas conservaram a imagi-

4 Século XVII.



nação do norte, aquela que se deleita à beira do mar, ao sussurro do vento nas urzes selvagens, aquela enfim que transporta para o futuro, para um outro mundo, a alma cansada do seu destino. A imaginação dos homens do norte lança-se além dessa terra cujos confins eles habitam; lança-se através das nuvens que orlam o horizonte, parecendo representar a escura passagem da vida para a eternidade.

Não se pode decidir de maneira geral entre os dois gêneros de poesia de que Homero e Ossian são como os primeiros modelos. Todas as minhas impressões, todas as minhas ideias me conduzem de preferência à literatura do norte; mas trata-se agora de examinar seus traços distintivos.

O clima é certamente uma das principais razões das diferenças que existem entre as imagens que agradam no norte e aquelas que amamos evocar no meio-dia. Os sonhos dos poetas podem dar à luz objetos extraordinários. Mas as impressões habituais se reencontram necessariamente em tudo o que se compõe. Evitar a lembrança dessas impressões seria perder a maior das vantagens, a de pintar aquilo que experimentamos em nós mesmos. Os poetas do meio-dia combinam sem parar a imagem do frescor, dos bosques frondosos, dos límpidos riachos com todos os sentimentos da vida. Nem os prazeres do coração eles evocam sem com eles combinar a ideia de sombra benfazeja, que deve protegê-los dos ardores impetuosos do sol. Aquela natureza tão vívida que os rodeia desperta neles mais ações que pensamentos. Foi injustamente, assim me parece, que se disse serem as paixões mais violentas no meio-dia do que no norte. Lá se observam mais interesses diversos, porém menos intensidade num mesmo pensamento; ora, é a constância que produz os milagres da paixão e da vontade.

Os povos do norte se ocupam menos com os prazeres do que com a dor, e sua imaginação por isso é mais fecunda. O espetáculo da natureza age fortemente sobre eles; ela age como se mostra naqueles climas, sempre sombria e nebulosa. Sem dúvida, as diversas circunstâncias da vida podem modificar essa disposição para a melan-

colia; mas ela detém com exclusividade a marca do espírito nacional. Não é necessário procurar num povo, como num homem, senão o seu traço característico; todos os outros são o efeito de mil acasos diferentes; somente aquele constitui seu ser.

A poesia do norte convém muito mais do que a do meio-dia ao espírito de um povo livre. Os primeiros inventores conhecidos da literatura do meio-dia, os atenienses, foram a nação do mundo mais ciosa de sua independência. Não obstante, era mais fácil conformar à servidão os gregos do que os homens do norte. O amor às artes, a beleza do clima, todos esses prazeres prodigalizados aos atenienses podiam servir-lhes de compensação. A independência era a primeira e única felicidade dos povos setentrionais. Certa altivez de alma, um desaparego pela vida, a que dá origem, a aspereza do solo e a tristeza do céu deviam tornar insuportável a servidão; e, muito antes de conhecer-se na Inglaterra a teoria das constituições e as vantagens dos governos representativos, o espírito guerreiro que os poetas erses<sup>5</sup> e escandinavos cantam com tanto entusiasmo dava ao homem uma ideia prodigiosa de sua força individual e do poder de sua vontade. A independência existia para cada um, antes que a liberdade fosse constituída para todos.

A filosofia, no renascimento das letras, começou pelas nações setentrionais, em cujos hábitos religiosos a razão encontrava infinitamente menos preconceitos para combater do que naqueles dos povos meridionais. A poesia antiga do norte supõe muito menos superstição do que a mitologia grega. Existem alguns dogmas e algumas fábulas absurdas nos Edas;<sup>6</sup> mas as ideias religiosas do norte condizem quase todas com a razão exaltada. As sombras debruçadas sobre as

5 Naturais da Alta Escócia; a palavra designa também a língua de origem céltica dos primitivos irlandeses e escoceses.

6 Compilações da mitologia escandinava, encontradas no século XVII, na Islândia; existe um Eda em versos, do século XI, e outro em prosa, da passagem do século XII para o XIII.

nuvens não constituem senão impressões animadas pelas imagens sensíveis.<sup>7</sup>

As emoções causadas pelas poesias ossiânicas podem reproduzir-se em todas as nações, porque seus meios de comover são todos tomados à natureza; mas é preciso um talento prodigioso para introduzir, sem afetação, a mitologia grega na poesia francesa. Nada deve ser, em geral, mais frio e mais rebuscado do que dogmas religiosos transplantados para um país onde não são recebidos senão como metáforas engenhosas. A poesia do norte é raramente alegórica; nenhum de seus efeitos precisa de superstições locais para tocar a imaginação. Um entusiasmo refletido e uma exaltação pura podem igualmente convir a todos os povos; é a verdadeira inspiração poética cujo sentimento está em todos os corações, mas cuja expressão é dom do gênio. Ela suscita um sonho celeste que faz amar o campo e a solidão; com frequência transporta o coração para as ideias religiosas, e deve estimular nos seres privilegiados o culto das virtudes e a inspiração de pensamentos elevados.

A grandeza do que faz o homem ele a deve ao sentimento doloroso da incompletude do seu destino. Os espíritos medíocres permanecem, em geral, assaz satisfeitos com a vida comum; arredondam, por assim dizer, a existência, e completam aquilo que pode faltar-lhes ainda com as ilusões da vaidade; mas o sublime do espírito, dos sentimentos e das ações deve seu voo à necessidade de escapar aos limites que circunscrevem a imaginação. O heroísmo da moral, o

7 Pretendemos que absolutamente não havia ideias religiosas em Ossian. Não há nada de mitologia; mas lá reencontramos sem parar uma elevação de alma, um respeito pelos mortos, uma confiança numa existência a vir, sentimentos muito mais análogos ao caráter do cristianismo do que o paganismo do meio-dia. A monotonia do poema de Fingal não se deve de modo algum à ausência da mitologia; já lhe apontei as diversas causas. Os modernos seriam condenados também à monotonia se as fábulas dos gregos fossem o único meio de fazer variar as obras de imaginação; pois, quanto mais essas fábulas são dignas de admiração nos poetas antigos que as empregaram, mais é difícil para nossos poetas servirem-se delas. Bem rapidamente cansamo-nos de uma imaginação que se exerce sobre um assunto no qual não nos é permitido inventar nada. [N.A.].

entusiasmo da eloquência, a ambição da glória proporcionam prazeres sobrenaturais que não são necessários senão às almas ao mesmo tempo exaltadas e melancólicas, cansadas de tudo aquilo que se mede, de tudo aquilo que é passageiro, de um limite, enfim, seja qual for a distância em que o situemos. É essa disposição da alma, fonte de todas as paixões generosas, como de todas as ideias filosóficas, que inspira particularmente a poesia do norte.

.....

### Sobre a poesia clássica e sobre a poesia romântica\* (1810)

O termo *romântico* foi introduzido recentemente na Alemanha, para designar a poesia da qual os cantos dos trovadores constituíram a origem, aquela que nasceu da cavalaria e do cristianismo. Se não admitimos que o paganismo e o cristianismo, o norte e o meio-dia, a Antiguidade e a Idade Média, a cavalaria e as instituições gregas e romanas dividiram o império da literatura, nunca chegaremos a julgar sob um ponto de vista filosófico o gosto antigo e o gosto moderno.

Às vezes, toma-se o termo *clássico* como sinônimo de perfeição. Sirvo-me dele aqui numa outra acepção, considerando a poesia clássica como a dos antigos, e a poesia romântica como aquela que deve de algum modo às tradições cavalleirescas. Essa divisão se reporta igualmente às duas eras do mundo: aquela que precedeu o estabelecimento do cristianismo e aquela que o seguiu.

Comparou-se também em diversas obras alemãs a poesia antiga à escultura, e a poesia romântica à pintura; enfim, caracterizou-se de to-

\* In: *De l'Allemagne*. Nouvelle édition, revue d'après les meilleurs texts. Paris: Garnier Frères, [18--?]. p. 153-156. Texto integral do capítulo XI da "Deuxième partie - De la littérature et des arts". Tradução de Roberto Acízelo de Souza.



das as maneiras a marcha do espírito humano, passando de religiões materialistas para religiões espiritualistas, da natureza à Divindade.

A nação francesa, a mais culta das nações latinas, tende para a poesia clássica, imitada dos gregos e dos romanos. A nação inglesa, a mais ilustrada das nações germânicas, ama a poesia romântica e cavalheiresca, vangloriando-se das obras-primas que possui nesse gênero. Não examinarei absolutamente aqui qual desses dois gêneros de poesia merece a preferência; basta mostrar que a diversidade de gostos, a esse respeito, deriva não só de causas acidentais, mas também das fontes primitivas da imaginação e do pensamento.

Há, nos poemas épicos e nas tragédias dos antigos, uma certa simplicidade que se deve ao fato de que os homens nesse período se identificavam com a natureza, crendo depender do destino, como a natureza depende da necessidade. O homem, refletindo pouco, conduzia sempre a ação da alma para fora; a própria consciência era figurada por objetos exteriores, e as tochas das Fúrias<sup>8</sup> sacudiam os remorsos sobre a cabeça dos culpados. O acontecimento era tudo na Antiguidade; o caráter dispõe de mais espaço nos tempos modernos; e essa reflexão inquieta, que nos devora muitas vezes como o abutre de Prometeu, não teria parecido senão loucura, em meio às relações claras e nítidas que existiam no estado civil e social dos antigos.

Não se faziam na Grécia, nos primórdios da arte, senão estátuas isoladas; os grupos foram compostos mais tarde. Da mesma maneira, poder-se-ia dizer, verdadeiramente, que em todas as artes não havia absolutamente grupo: os objetos representados se sucediam como nos baixo-relevos, sem combinação, sem qualquer tipo de complexidade. O homem personificava a natureza; as ninfas habitavam as águas, as hamadriades,<sup>9</sup> as

8 Personificações do remorso e da vingança divinas, na mitologia romana; os gregos lhes chamavam Erinias ou, segundo eufemismo para apaziguá-las, Eumênides (isto é, Benfeitoras).

9 Ninfas das árvores, na mitologia grega.

florestas; mas a natureza, por sua vez, apoderava-se do homem; e se disse que ele parecia uma torrente, um raio ou um vulcão, de tanto que agia por um impulso involuntário, e sem que a reflexão pudesse em nada alterar os motivos nem os resultados de suas ações. Os antigos tinham, por assim dizer, uma alma corporal, cujos movimentos eram fortes, diretos e consequentes; não ocorre o mesmo com o coração humano desenvolvido pelo cristianismo: os modernos hauriram no arrependimento cristão o hábito de se recolher continuamente em si mesmos.

Mas, para manifestar essa existência toda interior, é preciso que uma grande variedade nos fatos apresente sob todas as formas os matices infinitos do que se passa na alma. Se nos nossos dias as belas-artes estivessem restritas à simplicidade dos antigos, não alcançaríamos a força primitiva que os distingue, e perderíamos as emoções íntimas e múltiplas de que nossa alma é susceptível. A simplicidade da arte, nos modernos, descambaria facilmente para a frieza e para a abstração, enquanto a dos antigos era plena de vida. A honra e o amor, a bravura e a piedade são os sentimentos que assinalam o cristianismo cavaleiresco; e essas disposições de alma não podem fazer-se ver senão mediante os perigos, as proezas, os amores, as infelicidades, o interesse romanesco enfim, que faz variar os quadros sem parar. As fontes dos efeitos de arte são pois diferentes, sob muitos aspectos, na poesia romântica: numa, é a sorte que reina; na outra, é a Providência; a sorte não conta com os sentimentos dos homens para nada; a Providência não julga as ações senão de acordo com os sentimentos. Como a poesia não criaria um mundo de natureza inteiramente outra, quando é preciso pintar a obra de um destino cego e surdo, sempre em luta com os mortais, ou a ordem inteligente a que preside um Ser supremo, que nosso coração interroga, e que responde ao nosso coração?

A poesia pagã deve ser simples e extrovertida como os objetos exteriores; a poesia cristã tem necessidade das mil cores do arco-íris para

não se perder nas nuvens. A poesia dos antigos é mais pura como arte; a dos modernos faz verter mais lágrimas; mas a questão para nós não é entre a poesia clássica e a poesia romântica, mas entre a imitação de uma e a inspiração da outra. A literatura dos antigos é entre os modernos uma literatura transplantada; a literatura romântica ou cavalheiresca é entre nós indígena, e a nossa religião e as nossas instituições é que a fizeram eclodir. Os escritores que imitam os antigos submetem-se às mais severas regras do gosto; pois, não podendo consultar nem sua própria natureza, nem suas próprias impressões, foi preciso que se conformassem às leis de acordo com as quais as obras-primas dos antigos podem ser adaptadas ao nosso gosto, ainda que todas as circunstâncias políticas e religiosas que deram origem a tais obras-primas estejam mudadas. Mas essas poesias conformes ao antigo, por mais perfeitas que sejam, são raramente populares, porque não têm, nos tempos atuais, nada de nacional.

A poesia francesa, sendo a mais clássica de todas as poesias modernas, é a única que não está difundida entre o povo. As estâncias de Tasso<sup>10</sup> são cantadas pelos gondoleiros de Veneza; os espanhóis e os portugueses de todas as classes sabem de cor os versos de Calderón<sup>11</sup> e de Camões. Shakespeare é tão admirado pelo povo na Inglaterra quanto o é pela classe superior. Poemas de Goethe e de Bürger<sup>12</sup> foram musicados, e vós os ouvís repetidos das margens do Reno até o Báltico. Nossos poetas franceses são admirados por todos aqueles que têm o espírito culto entre nós e no resto da Europa; mas são completamente desconhecidos pela gente do povo e pelos burgueses mesmo das cidades, porque as artes na França não são, como alhures, nativas do próprio país onde suas belezas se desenvolvem.

Alguns críticos franceses pretenderam que a literatura dos povos germânicos estava ainda na

infância da arte. Essa opinião é completamente falsa; os mais instruídos no conhecimento das línguas e das obras dos antigos não ignoram certamente os inconvenientes e as vantagens do gênero que adotam ou daquele que rejeitam; mas o caráter, os hábitos e os raciocínios os conduziram a preferir a literatura fundamentada nas reminiscências da cavalaria, no maravilhoso da Idade Média, àquela cuja base é a mitologia dos gregos. A literatura romântica é a única suscetível ainda de ser aperfeiçoada, porque, tendo as raízes no nosso próprio solo, é a única que pode crescer e vivificar-se de novo: ela exprime nossa religião; evoca a nossa história; sua origem é anciã,<sup>13</sup> mas não antiga.<sup>14</sup>

A poesia clássica deve passar pelas reminiscências do paganismo para chegar até nós; a poesia dos germanos é a era cristã das belas-artes; ela se serve de nossas impressões pessoais para nos comover. O gênio que a inspira dirige-se imediatamente ao nosso coração e parece evocar nossa própria vida como um fantasma, o mais poderoso e terrível de todos.

## François-René de CHATEAUBRIAND

(Saint-Malo, 1768 – Paris, 1848)



Integrante da velha aristocracia francesa, fez carreira militar e posteriormente atuou no jornalismo, na diplomacia e na política, durante o conturbado período pós-revolucionário. Assumiu posições contraditórias, ora alinhadas com os ideais republicanos e democráticos, ora identificadas com a realeza e os princípios monárquicos. Considerado pai do romantismo francês, defendeu uma concepção de literatura fecundada pela religião cristã, como alternativa ao culto da antiga mitologia greco-latina promovido pelo classicismo.

<sup>10</sup> Torquato Tasso (1544-1595), poeta italiano.

<sup>11</sup> Pedro Calderón de la Barca y Barreda González de Henao Ruiz de Blasco y Riaño (1600-1681), dramaturgo e poeta espanhol.

<sup>12</sup> Gottfried August Bürger (1747-1794), poeta alemão.

<sup>13</sup> Isto é, remota.

<sup>14</sup> Isto é, greco-latina.